



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10217 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT20 - Psicologia da Educação

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR: O FUTURE-SE EM ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICO-SOCIAL

Soraya Cunha Couto Vital - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Sonia da Cunha Urt - UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR: O FUTURE-SE EM ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICO-SOCIAL

### Resumo

O presente artigo é produto de pesquisa de doutorado, referente à formação docente, que analisa a formação continuada de professores, considerando as condições objetivas para a educação e a formação para a emancipação humana em contexto social contemporâneo. A partir do fundamento teórico-metodológico da Psicologia Histórico-Cultural em interface com a Pedagogia Histórico-Crítica, e da apresentação de um recorte do estudo bibliográfico-documental que tem sido empreendido no âmbito da referida pesquisa, o objetivo é analisar criticamente o Programa FUTURE-SE, que tem permeado o caminho de formação de professores do ensino superior. Como resultado, compreende-se que pensar tal processo formativo é considerar uma formação articulada com as problemáticas mais amplas da sociedade, sem negligência à premissa de que a cultura e as relações sociais são elementos fundamentais na constituição humana. É pensar em formação transformadora, em professores emancipados, críticos, cuja prática redunde em distanciamento de ações neoliberais, alienantes e adaptativas.

**Palavras-chave:** Formação. Professores. Histórico. Social. Ensino Superior.

### INTRODUÇÃO

A Psicologia Histórico-Cultural, fundamentada no pensamento de Vigotski (1896-1934), é apresentada como uma corrente psicológica baseada no Materialismo Histórico-Dialético, que compreende o homem como sujeito histórico e constituído nas/por meio das relações sociais. Essa concepção dialética também fundamenta a Pedagogia Histórico-Crítica,

uma teoria da Educação postulada por Saviani (1943), que não permite pensar que as questões educacionais são o limite de uma ação pedagógica transmutadora, mas entender a educação a partir de determinantes históricos e sociais.

Por sua base epistemológica, essas teorias se propõem a fazer crítica à sociedade vigente e a acreditar na possibilidade de realizar uma prática transformadora. Por consequência, consideram as realidades objetiva e subjetiva enfrentadas pelos trabalhadores, dos quais os professores são partícipes, para organizarem e colaborarem com um processo revolucionário, transformador, de sua formação e prática.

Do ponto de vista objetivo, compreendem um movimento histórico-político-social-econômico que conciliou as instituições sociais à uma estrutura econômica que posicionou a burguesia na condição de classe economicamente dominante. Em consequência, as condições subjetivas também foram conformadas a um modo de conceber a realidade humana pautada no entendimento dessa burguesia.

Nesse sentido, sob o intento de analisar criticamente o Programa FUTURE-SE, que tem permeado os caminhos da formação de professores do ensino superior, considera-se que esse arcabouço teórico-metodológico confere aporte para pensar em condições para uma formação que implique no desenvolvimento de outros/novos docentes – não adaptados, conformados, mas formados para a emancipação.

Para tal, a partir do recorte de estudos bibliográfico-documentais que têm sido realizados na pesquisa inicialmente citada, são apresentados alguns entendimentos a respeito da formação humana e da formação de docentes do ensino superior. Em sentido conclusivo, discorre-se sobre as contribuições histórico-crítico-sociais que as teorias aqui consideradas podem prover à essa formação.

### **Formação humana e docente do ensino superior x FUTURE-SE**

O processo de formação humana pode ser entendido como

[...] um processo de humanização dos sujeitos socio-históricos, pelo qual estes desenvolvem suas condutas humanas superiores constituídas no processo de apropriação da cultura historicamente elaborada, que ocorre por meio da sua ativa participação nas relações sociais estabelecidas entre eles e as gerações precedentes. (MILLER, 2019, p. 9).

É um processo permeado de aprendizagem, no qual é desenvolvido o domínio de distintas formas de comunicação, que acontece em caráter coletivo, de cooperação mútua, em que cada ser humano aprende por toda a sua existência nas relações de convivência com o outro.

Em contexto socio-histórico-cultural, faz-se importante considerar que o entendimento a respeito da formação e do desenvolvimento humano parte de dois pressupostos, entre outros. Primeiro, Leontiev (1978, p. 261) apresenta que “de longa data, é o homem considerado como um ser à parte, qualitativamente diferente dos animais”. Segundo, Marx (2004, p. 69) assevera que há na história dos homens, de forma correlacionada, um “contínuo trabalhar e criar sensíveis”, e que “esta produção é a base de todo o mundo sensível tal e como agora existe”.

A premissa considerada por Leontiev (1978, p. 263, 265) está ancorada em sua concepção de que o homem se desenvolve em humano não por causa de suas variações

biológicas, mas essencialmente por causa das “condições de vida social” e dos “fenômenos externos da cultura material e intelectual”. O pressuposto apresentado por Marx oferece respaldo à essa compreensão, visto que sistematizou seus estudos a partir do modo capitalista de produção da vida, considerando que o homem “tem sua existência não enquanto homem, mas enquanto trabalhador”, e continua: “O homem nada mais é do que *trabalhador* e, como trabalhador, suas propriedades humanas o são apenas na medida em que o são para o capital, que lhe é *estranho*” (MARX, 2004, p. 91, grifos do autor).

A partir do princípio marxista, o modo de produção capitalista impõe aos homens um sistema de exploração de uns sobre os outros, que pode ser considerado coerente para o desenvolvimento do regime de classes, mas não para o desenvolvimento humano. Por isso, seu caráter crítico e revolucionário concebia uma sociedade desprovida da alienação humana produzida pelo capital, uma sociedade em que o trabalhador desenvolvesse suas capacidades porque produziria sua existência e criaria a consciência do seu ser social, desenvolvendo a condição de ser universal e livre.

Vê-se então que o processo de formação do sujeito é sempre um processo educativo, que acontece no interior da prática social, porque o desenvolvimento da estrutura humana ocorre na apropriação que se faz da experiência histórico-cultural. A partir dessa visão, pode-se pensar que a ruptura com a alienação imposta pelas proposituras da divisão social do trabalho também perpassa pela formação docente, e que essa atividade formativa precisa possibilitar continuamente o desenvolvimento de professores, porque é compreendida como um processo de aprendizagem que produz o desenvolvimento humano, entendido como uma formação contínua, permanente, um processo não finalizado, que está em constante transformação.

No contexto da formação de professores do ensino superior, a pesquisa bibliográfico-documental trouxe à baila a proposta do “Programa Institutos e Universidades Empreendedoras e Inovadoras – FUTURE-SE”, apresentado pelo Ministério da Educação – MEC, no dia 17 de julho de 2019, mas ainda não implementado. Trata-se de um programa com prazo de duração indeterminado, que “*tem por finalidade o fortalecimento da autonomia administrativa e financeira das Instituições Federais de Ensino Superior – IFES, por meio de parceria com organizações sociais e do fomento à captação de recursos próprios*”, e está dividido em três eixos: a) Gestão, Governança e Empreendedorismo; b) Pesquisa e Inovação; e c) Internacionalização (BRASIL, 2019, s.p).

Sua apresentação em 2019 indica:

O [Future-se](#), programa do governo Bolsonaro para universidades e institutos federais, vai valorizar o professor com base no empreendedorismo e na inovação. [...] prevê o incentivo ao viés empreendedor dos professores a partir da consolidação de startups no ambiente universitário. [...] A principal proposta do Future-se é aumentar a autonomia financeira de universidades e institutos federais por meio do incentivo ao empreendedorismo e à captação de recursos próprios. (BRASIL, 2019, s.p, grifo do documento original).

Analisar essa proposta é, antes de qualquer coisa, identificar transformações no mundo do trabalho, uma vez que é estranho que mudanças aconteçam no exterior da universidade e dentro dela os dilemas continuem os mesmos, sem superação de discursos e práticas cristalizadas. Essa condição conduz à análise crítica do processo formativo para o qual o Programa FUTURE-SE tem contribuído – uma visão mercadológica, massificadora, a serviço da produção, cuja finalidade é pensar no maior giro de produtos humanos no mercado, voltados para uma demanda mais individualizada, acrítica e reprodutivista.

Segundo constatação de Laval (2019, p. 53),

Se a escola é vista como uma empresa atuando em um mercado [...] tudo que diz respeito à escola pode ser parafraseado em linguagem comercial. A escola é obrigada a seguir uma lógica de marketing, é convidada a empregar técnicas mercadológicas para atrair a clientela, tem de inovar e esperar um “retorno de imagem” ou financeiro, deve se vender e se posicionar no mercado etc. (grifo do autor).

Com a chegada do Programa FUTURE-SE ao ambiente universitário público, compreende-se que as premissas de Laval (2019) também têm razão de ser, e pode-se pensar que a formação de professores do ensino superior no Brasil siga a tendência das propostas que apresentam esses fundamentos. Sua natureza, voltada à exigência empresarial e à competição provocada pela necessidade do mercado, reverbera um discurso de que o eficiente é aquele que age em direção a um desenvolvimento que não pode ser um processo lento, demorado ou aleatório, mas deve gerar o máximo de aprendizado no menor tempo possível, porque espera pessoas e profissionais mais produtivos e mais adaptáveis.

Nesse sentido, faz-se importante destacar que algumas universidades públicas brasileiras, embora digam-se críticas, já estão, ainda que timidamente, implementando os princípios do FUTURE-SE, com inserção de disciplina sobre empreendedorismo em seu currículo e absorção dos alvíres de um produtivismo e uma internacionalização mais afeitos à submissão e à individualização do que ao coletivo, que, aliás, são advindos da própria CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil.

Certamente, não se trata aqui de visão contrária a esses eixos, mas ao modelo que tem sido apresentado e à concordância de umas universidades, visto que defendem uma percepção neoliberal, que está fundamentada em outras bases e não se articula com a proposta teórica considerada nesse texto. Logo, é preciso perceber que a proposição dessas “novas” formas, principalmente com relação às Ciências Humanas, de conceber os modelos educacionais, a universidade e as configurações organizacionais da sociedade, surgem e se desenvolvem à medida que facilitam e intensificam a exploração do trabalhador pelo capital – o que demonstra que burguesia e proletariado não deixaram de ser as classes sociais do sistema capitalista. Por isso, a formação humana e docente em prol da emancipação humana precisa continuar sendo o objetivo dos envolvidos na educação.

## **CONSIDERAÇÕES**

Para que haja construção de outra cultura sobre o ato educativo, faz-se importante fundamentar a educação do sujeito que aprende – nesse caso do professor do ensino superior – não apenas em suas aquisições acadêmicas, mas no fluxo de seu desenvolvimento, nos aspectos de sua história cultural e individual, no entendimento das condições objetivas da sociedade contemporânea e no desenvolvimento de condições subjetivas de enfrentamento.

Por isso, nesses tempos, em que tem-se percebido inegável visão economicista no ensino superior brasileiro, considera-se que os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica podem contribuir para a criação de uma formação professoral que contraponha-se a esse modelo que está sustentado de forma explícita no Programa FUTURE-SE – o paradigma de uma universidade operacional, que não é a universidade para a produção do conhecimento, mas a que atende a um arcabouço de funcionalidade.

Sua visão, além da mercadológica, é empreendedora. Aquela que forma para a qualificação individualizante, para ser “dono de si”, ou seja, forma sob a regência da lógica que o capital necessita. A partir do olhar histórico-crítico-social, considera-se pertinente refletir sobre a formação de professores do ensino superior, visto que este, assim como outras

instâncias de educação no Brasil, vem sendo destituído de sua finalidade formativa, de autonomia e crítica.

Pensa-se também que uma concepção de ensino superior e formação humana considerada sobre o aporte teórico que propõe o desenvolvimento do psiquismo e trabalha com a produção de “ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades” (SAVIANI, 2005, p. 12), que estão eminentemente relacionados ao saber culturalmente produzido pela humanidade e requerem, conseqüentemente, uma formação docente que vise a qualificação dos envolvidos no processo de emancipação humana, precisa considerar que o que está expresso no FUTURE-SE reverbera em outras diversas realidades que o professor universitário tem vivenciado. A título de exemplo, a exaustão e o adoecimento, decorrentes do produtivismo e da exacerbação do rendimento, que concede base (ou vice-versa) para os modelos de “*rankingamento*” – vale mais quem produz mais.

No contraponto, considera-se que uma formação de professores do ensino superior fundamentada em uma visão histórico-crítica da sociedade, deve causar inquietações – no sentido de inconformidade com o que está posto no mundo do trabalho –, articulando-se à uma análise crítico-dialética que contribua para uma intervenção que possibilite aprendizado transformador.

**Palavras-chave:** Formação. Professores. Histórico. Social. Ensino Superior.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Institutos e Universidades Empreendedoras e Inovadoras – FUTURE-SE**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/78211-mec-lanca-programa-para-aumentar-a-autonomia-financeira-de-universidades-e-institutos>. 2019.

LAVAL, C. **A Escola não é uma Empresa: o Neoliberalismo em ataque ao Ensino Público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

LEONTIEV, A. N. **Actividad, consciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MILLER, S. (2019). Prefácio. In: BARROS, M. S. F. et al. (Orgs.). **Formação, Ensino e Emancipação Humana: desafios da contemporaneidade para educação escolar**. Curitiba: CRV, 2019.

SAVIANI, D. Debate sobre educação, formação humana e ontologia a partir da questão do método dialético. In: SAVIANI D.; DUARTE, N. (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2005.

